

## **O papel da crítica literária dos anos 1960 e 1970 na recepção do tropicalismo musical**

*Patrícia Anette Schroeder Gonçalves<sup>151</sup>*

**Resumo:** A formação recente de um campo de estudos sobre canção popular, no Brasil, se deu até hoje de maneira fundamentalmente interdisciplinar. Mas talvez não seja exagero dizer que as contendas acerca das interpretações do tropicalismo marcaram com mais força os estudos literários. Os dispositivos de análise da crítica literária tiveram um papel central na interpretação do tropicalismo, em ensaios e artigos mais e menos conhecidos publicados em jornais e revistas na década de 1960 e 1970 (e reeditados em coletâneas), por dicções tão diferentes quanto as de Augusto de Campos, Affonso Romano de Sant'Anna, Walnice Nogueira Galvão, Roberto Schwarz, Antônio Carlos de Brito, Silviano Santiago, Gilberto Vasconcellos, entre outras. Nesta apresentação, pretendemos articular alguns desses textos a partir da seguinte questão: em que medida a comparação entre modernismo e tropicalismo, hoje já decantada, pode ser vista como fruto de uma disputa de campo balizada pelos estudos literários no período estudado? Em ordem cronológica, abordaremos esses textos, levantado o que neles se ocupa da comparação citada – e como veremos, alguns não o fazem. Por fim, sugerimos que a crítica literária, em sentido amplo, foi central na recepção da canção tropicalista; assim como o oposto, isto é, a preocupação com a atividade cultural do período desempenha uma parte relevante nas produções de uma geração de críticos.

**Palavras-chave:** Crítica literária brasileira; Tropicalismo; Tropicália; Antropofagia; Modernismo brasileiro.

---

<sup>151</sup> Doutoranda em Literatura Brasileira (USP/FFLCH), mestra em Filosofia (USP/IEB), graduada em Letras (USP). O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001. [patricia.anette@gmail.com](mailto:patricia.anette@gmail.com).

## **Onde entra o antropófago: Augusto de Campos e Affonso Romano de Sant'Anna**

Antes de o tropicalismo ganhar esse nome e se materializar em um long-play coletivo, Augusto de Campos já reconhecia pressupostos oswaldianos repercutidos nas “explosões” do grupo baiano, especialmente de Caetano Veloso. É também em entrevista a Campos (1974, p. 207) que Caetano diria, quando o movimento já estava configurado: “O Tropicalismo é um neo-Antropofagismo”.

Quando “Alegria, alegria” e “Domingo no Parque” chegam à final do Festival da Record de 1967, Augusto de Campos publica na mesma semana dois artigos diferentes sobre o assunto (1967a; 1967b). Convém reparar em uma afirmação que se repete nos dois: “Caetano Veloso e Gilberto Gil [...] propuseram, oswaldianamente, ‘deglutir’ o que há de novo nesses movimentos de massa e de juventude” (CAMPOS, 1967b, p. 44).

Tal relação, inaugurada por Campos, foi muito presente nas mais diferentes colunas de jornais e periódicos. Em poucas, a comparação foi mais destrinchada. É o caso de um texto de Affonso Romano de Sant'Anna (1968) sobre o tropicalismo, que continha uma seção intitulada: “Onde entra o antropófago”.

Sant'Anna parte de uma entrevista em que José Celso sintetiza os elementos de *O Rei da Vela*: “Um escritório de usura onde o amor, os juros, a criação intelectual, as palmeiras, as quedas de água, os cardeais, o socialismo, tudo entra em hipoteca e dívida ao grande patrão ausente em toda a ação e que faz no final do ato sua entrada gloriosa.” (CORRÊA apud SANT'ANNA, 1968, p. 1).

Para Sant'Anna, esse seria um painel tropicalista, cuja principal arma seria o deboche. O crítico, como se vê, articula a forma *kitsch* tropicalista às ideias de Oswald, que serve “de lastro estético e ideológico para o tropicalismo” (ibid.). Apesar de até então tratar do Oswald de *O Rei da Vela* (via José Celso), Sant'Anna não compara “o deboche tropicalista” à peça, mas ao “Manifesto Antropófago” (1928): “Nele, também o deboche é pedra de toque.” (1968, p. 1). Eis, nessas laudas, um exemplo perfeito da curiosa releitura de Oswald nos anos 1960: embora tenham histórias e formas distintas, os dois textos de Oswald foram equacionados em um só. Para Sant'Anna, haveria uma identificação perfeita entre “Alegria, alegria” e o Manifesto Antropófago. (ibid.).

Não se pode deixar de considerar que a analogia com uma vanguarda literária servisse aos jornalistas e críticos para mitigarem a dificuldade em definir aquele novo movimento. O texto de Sant'Anna se encerra assim: “*Tropicalismo* é realmente um movimento confuso. Talvez seja mais confuso que movimento.” (ibid.). Roberto

Schwarz, em ensaio que logo comentaremos, dirá, a respeito do lugar social do tropicalismo: “sabemos [...] a quem fala este estilo; mas não sabemos ainda o que ele diz” (1978, p. 76).

### **Sai de cena o antropófago: Roberto Schwarz e Antônio Carlos de Brito**

Comentaremos agora textos que não estabeleceram a relação entre antropofagia e tropicalismo. Mesmo assim, nossa observação é de que seus posicionamentos provocaram a volta da antropofagia como termo de comparação em ensaios de Silviano Santiago e Gilberto Vasconcellos, que abordaremos no próximo item. Por isso, cabe lembrar das notas de Schwarz e Cacaso.

Em 1970, “Cultura e Política, 1964-69” é publicado na revista *Les temps modernes*. Evito uma grande paráfrase do ensaio de Schwarz, por ser esse texto mais conhecido. Lembremos suas linhas gerais. O ponto de partida é a avaliação de que um primeiro efeito do golpe militar de 1964 era moderno: com a justificativa de garantir o país do socialismo, o governo ditatorial promoveu a racionalização do capital (1978, p. 72). O efeito secundário do golpe seria o fortalecimento dos “sentimentos arcaicos” (1978, p. 70) das pequenas burguesias urbanas.

A construção da “imagem tropicalista” de Schwarz se conecta “de maneira indireta” (1978, p. 71) a esses sentimentos arcaicos, ou à “liga dos vencidos” (ibid.) e sua revanche da província. De maneira *indireta*, é bom frisar, pois o autor identifica essa volta “em forma de assunto”, ou seja, na matéria do tropicalismo. Ao submeter os anacronismos a uma forma moderna, o movimento teria por consequência uma “alegoria do Brasil” (ibid.). O problema principal do tropicalismo para o autor era, então, que o tropicalismo trabalhava com uma “conjunção esdrúxula de arcaico e moderno que a contrarrevolução cristalizou” (1978, p. 76).

Salta à vista que nessa primeira interpretação de fôlego sobre o tropicalismo, nenhuma menção seja feita às vanguardas artísticas ou a Oswald de Andrade. No máximo, o autor identifica uma *aparência* surrealista no disparate tropicalista (1978, p. 76), e observa que o estilo tropicalista registra o atraso do país “do ponto de vista da vanguarda e da moda internacionais, com seus pressupostos econômicos” (1978, p. 77).

Em “Tropicalismo: sua estética, sua história” (1972), Cacaso se limita a resenhar o ensaio de Schwarz. Por isso, não espanta que o modernismo tampouco apareça. Mas em sua avaliação sobre o texto que expõe, Brito formula de maneira a acrescentar um

aspecto que poderia soar como um aceno aos movimentos de começo de século: “As insuficiências e virtudes do tropicalismo não são inseparáveis das conquistas mais típicas da vanguarda ocidental – de tendência fortemente alegórica” (1972, p. 29)

Escrevendo dos anos identificados com a curtição, Cacaso salienta ainda um ângulo de “compromisso” na Tropicália, palavra dificilmente imaginável em “Cultura e política”. Ainda assim, realiza uma profunda crítica da popularidade que a alegoria tomava então na vida cultural do país (1972, p. 30).

### **Volta o antropófago: Silviano Santiago e Gilberto Vasconcellos**

Silviano Santiago publica na década de 1970 diversos ensaios em que comenta o tropicalismo. No primeiro deles, Silviano lembra que Caetano já se preocupava com sua persona pop desde 1967, quando se aproximou de Chacrinha (1973, p. 51). Essa “eleição” seria análoga à adoção, pelos antropófagos, do palhaço Piolin, “como imagem da própria agressividade” (ibid.). Assim como os paulistas em 1928, “os tropicalistas buscavam em Chacrinha, num primeiro e definitivo gesto de desautorização cultural, o elemento que poderia criar uma atmosfera ideal e proliferante de não-seriedade, de descompromisso com as forças da intelectualidade brasileira.” (ibid., p. 51-52). Na “adoção” de Chacrinha como imagem, Santiago vê, por conseguinte, uma superação da vergonha do “bárbaro e nosso”.

Em dado momento, Silviano resgata os textos de Sant’Anna e Schwarz, que já haviam observado o “entrecruzar do mais moderno e do mais tradicional do Brasil” (ibid.). O autor alerta, contudo, que a concepção de *gosto tropicalista* não coincide com o *gosto modernista* – e excetua Oswald de Andrade. Ainda que a equivalência oswaldiana prevaleça em Silviano, este faz uma primeira diferença entre os dois movimentos, que também insinua em outros ensaios do período. A avaliação de Santiago é que no tropicalismo, diferentemente do modernismo, “Não havia um desejo de escolha, e a dicotomia era estabelecida mais para precisar racionalmente os dois lados” (ibid.).

Nos textos reunidos em *De olho na fresta* (1977), a cristalização do binômio modernismo/tropicalismo dará um passo relevante. Ali, a introdução de Silviano e mais ainda os ensaios de Gilberto Vasconcellos oferecem uma oposição frontal aos resultados interpretativos de Schwarz. O que queremos acrescentar a esse fato sabido é que a defesa do objeto de estudo tropicalista parece ser, mais que nos exemplos anteriores, *amparada* pelo cânone literário oswaldiano.

Vasconcellos monta sua análise da canção “Geleia geral” (Gilberto Gil/Torquato Neto, 1968) por uma oposição entre arcaico/folclórico e industrial/cultural de massas (1977, p. 18), ressoando as análises dos críticos que acompanhamos até agora. Mas observa nessas letras uma crítica ao ufanismo pitoresco, aproximando “Geleia geral” a Oswald de Andrade, “que fizera também uso da paródia como instrumento eficaz para ridicularizar a ideologia do nacionalismo ufanista” (ibid., p. 20).

No ensaio “De olho na fresta” (1975), Vasconcellos já tinha vinculado esses mesmos argumentos para refutar as críticas de Schwarz e Cacaso. E respondendo a vários pontos de “Cultura e Política”, Vasconcellos afirma que “a tropicália, tal com[o] Oswald de Andrade, não perdeu de vista a ambivalência sociológica que cerca entre nós a noção do moderno” (ibid., p. 49).

Ora, é precisamente esse o sentido que Silviano (1977) privilegia no seu prefácio ao livro de Vasconcellos. Silviano levanta uma série de semelhanças entre o “Manifesto Dada”, o “Manifesto Pau-Brasil” e o tropicalismo, e conclui que nessas três estéticas, a situação se colocava nos termos de “um desencontro entre uma *razão dialética* que tem reinado pelos tempos e uma *racionalização da contradição* que tenta respirar”. (SANTIAGO, 1977, p. 11). Esse desencontro entre razão dialética e racionalização da contradição, para Silviano, estava na raiz dos desentendimentos dos próprios críticos do tropicalismo – e é na comparação do tropicalismo com o ideário oswaldiano que seu argumento se baseia.

## **Fechamento**

Neste resumo, buscamos levantar algumas linhas de força da recepção do tropicalismo pela crítica literária brasileira, sugerindo que o estabelecimento do nexo entre o movimento musical dos anos 1960 e o movimento literário dos anos 1920 se deu, não apenas pela reivindicação desse legado modernista pelos cancionistas, mas também devido aos debates sobre cultura e literatura balizados por noções dos estudos literários.

Em sua obra seminal sobre o movimento, Celso Favaretto sugere que o tropicalismo “realizou no Brasil a autonomia da canção” (2007, p. 32), pois ao elaborar uma nova linguagem cancional, exigiu “que se reformulassem os critérios de sua apreciação, até então determinados pelo enfoque da crítica literária” (ibid.). É verdade que a “mistura” tropicalista complexificou o estudo da canção. Mas o que se acompanha nas décadas de 1960 e 1970 é de certo modo o avesso dessa observação. Justo o “enfoque

da crítica literária”, em sentido amplo, compôs as bases de um debate público sobre a cultura de massas e seus acenos à literatura brasileira.

### Referências bibliográficas

BRITO, Antônio Carlos de Brito. Tropicalismo: Sua Estética, Sua História. **Vozes**, Revista de Cultura, Dossiê Música Popular e Realidade Cultural, Rio de Janeiro, ano 66, n. 9, v. LXVI, p. 21-30, nov. 1972.

CAMPOS, Augusto de. O passo à frente de Caetano Veloso e Gilberto Gil. In: **O balanço da bossa e outras bossas**. 2ª edição (revista e ampliada). São Paulo: Editora Perspectiva, 1974.

\_\_\_\_\_. A explosão de Alegria, alegria. **O Estado de São Paulo**, Suplemento Literário, São Paulo, 25 nov. 1967, p. 44, 1967a.

\_\_\_\_\_. O passo à frente de Caetano Veloso e Gilberto Gil. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, 19 nov. 1967, p. 1, 1967b.

FAVARETTO, Celso. **Tropicália alegoria alegria**. 4ª edição. Cotia: Ateliê Editorial, 2007. ISBN: 85-85851-03-1.

SANT’ANNA, Affonso Romano de. **Música popular e moderna poesia brasileira**. 1ª edição (revista e ampliada da ed. de 1976), edição e-book do kindle, não paginada. São Paulo: Nova Alexandria, 2013. ISBN 978-85-7492-345-1.

SANTIAGO, Silviano. Caetano Veloso enquanto superastro. In: **Uma literatura nos trópicos**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000 [1978], p. 146-163.

\_\_\_\_\_. Fazendo perguntas como martelo. In: VASCONCELLOS, Gilberto. **Música popular: de olho na fresta**. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977, p. 1-13.

\_\_\_\_\_. Caetano Veloso, os 365 dias de carnaval. **Cadernos de Jornalismo e Comunicação**: Especial Carnaval. Rio de Janeiro: Edições Jornal do Brasil, n. 40, p. 45-56, jan./fev. 1973.

SCHWARZ, Roberto. Cultura e política, 1964-69. Alguns esquemas. In: **O Pai de família e outros estudos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978, p. 61-92.

\_\_\_\_\_. Remarques sur la culture et la politique au Brésil, 1964-1969. **Les Temps Modernes**, n. 288, Paris, 1970.

VASCONCELLOS, Gilberto. **Música popular: de olho na fresta**. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977. (Apresentação: Silviano Santiago.)

Sem autoria. Propaganda da peça O Rei da Vela no Teatro Oficina. (Uma bofetada de verdade, deboche e violência). **O Estado de São Paulo**, São Paulo, 25 nov. 1967, p. 36.